

## ADONAI: A ORIGEM DO SEU NOME E OS MISTÉRIOS EM TORNO DESSE DEUS

**Joel Moreira**, Religioso da Congregação dos Religiosos de Nossa Senhora de Sion e professor do CCDEJ-SP. Mestre em Teologia Bíblica pela Universidade de Toronto (Canadá), bacharel em Teologia pela Universidade Salesiana (Campus Jerusalém).\*

**Cláudio Franciscano Cândido**, leigo casado, graduado em Teologia pelo Centro Universitário Claretiano e Extensão em Cultura Judaico-Cristã, História e Teologia pelo Centro Cristão de Estudos Judaicos – SP.\*

### RESUMO

O presente artigo tem como proposta relatar as variações do nome de Deus e o mistério que gira em torno Dele. Discorrerá sobre a origem de *Adonai* e a região em que se originou, além de aspectos que marcaram Sua trajetória. Os autores sagrados, ao utilizarem o Nome de Deus, no Primeiro Testamento, demonstra o desejo do Eterno de se revelar à Sua criação. Assim, surgem questionamentos em torno de seu Nome. Assim, por esta pesquisa tem-se a intenção de compreender o universo cultural e peculiar das narrativas dos textos sagrados, que apresentam a Revelação de Deus. O mistério em torno Dele, a origem do Seu Nome e como Ele se tornou o Escolhido pelo povo de Israel. Dessa forma, busca-se analisar obras sobre o antigo Israel para obter uma melhor compreensão de como se dá a Revelação de Deus e sua trajetória como Único Deus.

**Palavras-chave:** Adonai. Israel do Norte. Judá. Madiã. Asherah.

### ABSTRACT

The present article aims to report the variations of the name of God and the mystery that revolves around it. It will discuss the origin of Adonai and the region in which he originated, in addition to aspects that marked his trajectory. The sacred authors by using the Name of God in the First Testament demonstrates the desire of the Eternal to reveal himself to His creation. Thus, questions arise around His Name. Therefore, through this article, the intention is to understand the cultural and peculiar universe of the narratives of the sacred texts that present the Revelation of God on Mount Sinai, the mystery around it, the origin of His Name and how He became the Chosen one by the people of Israel. In this way, we seek to analyze works on Ancient Israel to obtain a better understanding of how the Revelation of God takes place and his trajectory as the Only God.

**Keywords:** Adonai. Northern Israel. Judah. Midian. Asherah.

---

\* E-mail: joecands@icloud.com.

\* E-mail: clafra@uol.com.br.

## Introdução

Durante o tempo de elaboração literária do Primeiro Testamento, o Nome de Deus passou por várias alterações e também por etapas, conforme o contexto e entendimento dos povos sobre a Divindade. Em Êxodo 3,13-14, Deus Se Revela a Moisés, Ele Revela e explica o significado de Seu Próprio Nome. Ele se Revela como “Deus Todo Poderoso”, Deus dos pobres, escravos e oprimidos, harmonizando com o termo *hebreu ou Apiru* (povo que vivia às margens da sociedade). Esse Deus dos pobres estava em contraste com os deuses das outras nações poderosas, já que pela lógica daquele tempo, consideravam-se que os deuses poderosos protegiam as nações fortes, os mais poderosos e não os povos fracos, escravos e oprimidos. Em Êxodo 3, o significado do Seu Nome é de um Deus dinâmico, que faz acontecer, que está constantemente presente, que vê e ouve o clamor do povo e desce para libertá-lo. Em Is 45,14-17, em Jr 16,19-21 3 33,2, pode se perceber que *Adonai* é, de fato, um Deus libertador.

Römer (2016) apresenta, de modo diferente, um dos elementos determinantes com o qual diferenciou o povo de Israel dos demais; esse elemento foi o protótipo singular de adoração desse povo para sua época, visto que não serviu apenas como propósito existencialista do Divino, mas até mesmo como princípio de conduta a ser aplicado na mesma interpretação de lei.

Quanto ao nome *Iahweh*, Römer (2016) relata que nas Bíblias atuais encontram-se para proferir ao Deus de Israel, termos como “o Senhor”, “o Eterno”, e, em certas Bíblias católicas, encontramos, “*Adonai*”. Teria Deus um nome? E por que é negado ao Judaísmo pronunciá-lo? Qual a importância desse título divino, que deixou marcas imensas no Judaísmo e, em seguida, no Cristianismo e no Islã? Römer (2016) frisa sobre a primeira parte do livro do Genesis, do duplo sentido do nome *elohim* que, com sua terminação plural, é traduzido por deus ou deuses. Qual seria aqui a intenção do autor bíblico? Será que era de propor um Único Deus que unia ao redor de si diversos deuses?

## A origem do Nome de Deus

O Deus do Êxodo tem o Seu Nome encontrado no formato de *Yhwh* no Primeiro Testamento em epígrafe na *mesha moabita* (sec. IX a.C) e em fragmentos de cerâmicas de *Láquis* (588-587 a.C), como atesta FOHRER (1993). Segundo o autor, o formato abreviado do Nome *Iahu* não é um formato anterior do que o Nome *Iahweh*. *Iahu* é um formato sucinto de *Iahweh*, precisamente como *Iah* e *Iô* são possivelmente, formatos sucintos de *Iahu*. O Nome *Iah* aparece no Primeiro Testamento como um Nome divino emancipado (Ex 15,2;17,16; Is 12,2); *Iahu* (*Iahô*) e *Iô* transcorrem como partes de nomes de pessoas.

Fohrer (1993) relata, de acordo com a interpretação israelita, que está em Ex 3,14 e indica que o Nome desse Deus remete a alguém a quem a expressão *hayâ* pode ser impecavelmente outorgado, já que esse Nome na língua hebraica alude não exclusivamente a uma presença estática, mas uma existência dinâmica e eficiente, o Nome aponta *Iahewh* como um ser dinâmico, poderoso e eficiente. A expressão de Seu Nome revela uma união de Ser, tornar e agir, ou seja, uma Presença eficaz, que está sempre em transformação e, mesmo assim continua semelhante à Si Própria.

Essa interpretação israelita, segundo Fohrer (1993), apesar de tardia, seguramente está adequada, quando extraí da palavra *Iahweh* a raiz *hayâ* ou *hawâ*. Já que não é nem um substantivo ou um participio, nem um formato do *hiphil* causativo desse verbo, sendo ao contrário um formato *qal* arcaico, se refere a “*Ele É*”, significando uma presença ativa e eficaz. Por isso, diz a respeito de um Nome Próprio no sentido completamente específico. O nome *Iahweh* designado o Deus de Moisés tem um poder ativo e eficaz; essa atividade corresponde primeiramente à vida e ao futuro das nações e dos homens, somente depois à natureza e à criação.

Römer (2016) comenta que, na segunda parte do Genesis, a grande maioria das Bíblias católicas e certas protestantes, designam a divindade de outra forma. Mencionam “*o Senhor*” e em outras rabínicas designa “*o Eterno*”. O autor diz também que, os dois termos na verdade servem para designar um Nome Próprio, cuja pronúncia correta não é conhecida. Como o hebraico sempre foi escrito por consoantes, nessa versão consonântica, esse nome aparece no capítulo 2 do Gênesis escrito assim: יהוה (Tetragrama Sagrado) e denomina o nome do Deus de Israel. Posteriormente, uns grupos de judeus intitulados massoretas<sup>1</sup> produziram um sistema de vocalização, para assegurar a boa pronúncia dos textos hebraicos. No entanto, devido ao duplo sentido dado a algumas palavras em hebraico, os massoretas foram obrigados a dar um sentido que queriam a essas palavras ou frases. Segundo Römer (2016), no século III a.C, o judaísmo começou a não pronunciar mais o Nome Próprio do Deus de Israel, por várias razões: Não convém um Deus único ter um nome próprio ou usar o Nome Divino para realizar magias.

Römer (2016) diz que essa proibição da pronúncia do Nome, se deu gradativamente.<sup>2</sup> Segundo a Mishná século I e II da era cristã, somente o sumo sacerdote no *Dia do Grande Perdão (Yom Kipur)*, podia, no Santo dos Santos do Templo, pronunciar o Nome Divino. O autor relata que junto a vários achados foi comprovado a pronúncia do Tetragrama Sagrado do tipo “*Yawé*”, também foi exposto um outro nome que era considerado comum: “*Yahú*” ou “*Yahô*”.

Mesmo com a proibição do nome divino as Escrituras carregam traços da pronúncia de Seu Nome, de acordo com Römer (2016). Em conjunto com o Tetragrama Sagrado em que a definição massoreta é Senhor (*Adonai*), há diversas escritas reduzidas de *Yhw*, detectado em vários nomes próprios (nomes constituídos com elemento Divino), como Jeremias (*Yirmêyahú*), Isaías (*Yêsa Yâhú*), Jônatas (*Yehônâtân*) etc. Esses nomes indicam que a pronúncia do Nome Divino era *Yâhu* ou *Yahou*. Com essas duas formas do Nome Divino, têm-se uma terceira, *Yh (Yâh)*, podendo ser encontrado na palavra *hallelû-yâh* (Louvai *Yah*) ou em textos das Escrituras, como Ex 15,2, Is 12,2, Sl 68,19 etc. Em Êxodo 3, tem-se a ligação do nome e a raiz *hyh* que quer dizer “Ser”.

Em sua obra sobre Êxodo 3, Ratzinger (2007), apresenta uma grande luz sobre o nome de Deus, quando no

1 Os massoretas ou massoréticos eram escribas judeus que se dedicaram a preservar e cuidar das escrituras que atualmente constituem o Antigo Testamento.

2 Na cultura do Antigo Oriente Próximo o nome tinha uma importância fundamental; dar o nome a uma pessoa era exercer domínio sobre ela, então, dar e conhecer os nomes das divindades facilitava a sua manipulação. Mas Deus se apresentou aos israelitas já com o seu Nome Próprio, portanto, não deveria de maneira alguma ter esse Santo Nome manipulado. ‘Não pronunciarás em vão o nome de Iahweh teu Deus, porque Iahweh não deixará impune aquele que pronunciar em vão o Seu Nome’ (Êxodo 20,7). Em 2008, a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, presidida pelo então Prefeito o Cardeal Francis Arinze, enviou uma carta a todas as conferências episcopais sobre o nome de Deus, na qual **pediu para que os fiéis não usem mais o termo “Iahweh” nas liturgias, orações e cantos, de acordo com a** diretiva de Bento XVI. Esse Sagrado Mandamento é levado à risca pelo povo Judeu e também pelo CCDEJ. Sendo assim daqui para frente, não se usará mais no texto o “**TETRAGRAMA SAGRADO**”, no seu lugar será utilizado à expressão “**ADONAI**”.

capítulo 10 descreve sobre as autos-afirmações de Jesus. Para explicar essa relação do Eu Sou com Jesus Cristo, o autor faz uso de duas passagens importantes do Antigo Testamento: Êxodo 3,14 e Isaías 43,10. Em Êxodo, capítulo 3, versículo 14, tem-se a passagem da sarça ardente, onde *Adonai* faz uma Convocação a Moisés; nesse ambiente Moisés pergunta o Nome desse Deus, o qual responde à pergunta com o Misterioso “*Tetragrama Sagrado*” (*Adonai*), e junto com a resposta, Deus também dá igualmente uma misteriosa explicação ao Seu nome: “*Eu Sou Aquele que Sou*”. Ele É Simplesmente. Ele É Onipresente, É Onisciente e Onipotente. Ele É o Ontem, o Hoje e o Amanhã.

Em Isaías 43,10, Ratzinger (2007) comenta que o Deutero-Isaias comemora o fim do exílio na Babilônia como um novo Êxodo e susteve novamente nos ensinamentos da passagem em Êxodo da sarça ardente e reproduziu-a. “Vós sois minhas testemunhas – palavra do Senhor – e também meu servo, que Eu escolhi, para que saibais e acrediteis que Eu Sou. Antes de Mim nenhum Deus foi criado. E também depois de Mim não haverá nenhum. Eu sou Adonai. Eu, e fora de Mim não há nenhum redentor” (Is 43,10). O autor relata que a expressão “*Ani*” (“*Eu*” na língua hebraica) se contraiu na palavra “*Anihu*” (*Eu Ele, Eu Sou*). A expressão tornou-se mais significativa e, posto que como uma incógnita continue também mais explícita.

Ratzinger (2007) descreve que, na época em que Israel não possuía nem uma região (terra), nem Templo, Deus estava fora da disputa por um lugar no panteão das divindades. Uma vez que um Deus que não possuía nem território e nenhum Templo para ser adorado, não poderia ser Deus. Nessa época, Israel já havia entendido a diferença e a novidade de seu Deus, de Seu Nome: Ele não era somente o Deus de um povo, ou de um território, mas simplesmente Deus (a expressão “*Eu Sou*” simplificava tudo), o Deus que criou, cria e reina no universo, que tudo o que existe e que se pode imaginar, a Ele pertence, o Deus que não necessita da adoração por meio de sacrifícios de bodes ou de touros, mas que só pelo meio da ação justa é que é verdadeiramente venerado.

Ratzinger (2007) relata ainda que Israel consegue captar e entender a grandiosidade desse seu Deus, quando Ele se Revela a eles, o de Ser Simplesmente. E o significado do “*Eu Sou*” da sarça ardente veio à tona: o de que Ele era “*Simples*”. Ele se Revela por inteiro, apresentando-se como Aquele que É na expressão íntima “*Eu Sou*”.

O fato de faltar, no caso de *Adonai* (Ele É), o nome da divindade seria a prova de que os israelitas tiveram, desde as origens, uma concepção mais abstrata de sua Divindade do que seus vizinhos, invocando seus deuses, sem lhe dar um nome próprio. (RÖMER, 2016 p. 41).

*Adonai* é o Deus das premissas Morais e Éticas, descreve Fohrer (1993). O ser humano jamais poderá agradá-lo-Lo simplesmente com uma adoração e nem tirar proveito culturalmente de Seu Poder. Em substituição a isso, *Adonai* apenas requer do ser humano confiança e obediência e isto faz com que a Sua reivindicação exigência sejam uma decisão pessoal, relata o autor.

### **A região de origem do Deus de Israel**

O Êxodo aparenta ser as tradições mais antigas do que a monarquia em Israel, anterior a 1.208 a.C, segundo relato de Smith (2006). Apesar de não haver dados suficientes para comprovação de sua tradição, não é aconselhável refuta-las ou dizer que não são verdadeiras, porque do modo como as evidências estão colocadas, relata o

autor, pode ser possível que a história de grupos conhecidos que transitavam pelas rotas entre o Egito e o Levante, contivessem alguns grupos ancestrais dos israelitas.

Römer (2016) comenta que, segundo relatos bíblicos, Deus se manifesta a Moisés, quando ele estava pastoreando o rebanho do seu sogro (Êx 3) ou quando estava de novo no Egito (Êxodo 6). De acordo com esses textos, a relação entre *Adonai* e Israel não era conhecida desde sempre. Ela foi fruto de um Encontro. Para o autor, é interessante notar que essas duas narrativas que falam do chamado de Moisés, encontram-se fora do país de Israel. Pelas descobertas arqueológicas realizadas no Levante na Mesopotâmia, desde o final do século XIX a.C. e século XX a.C., surgiu a hipótese de que o Deus de Israel tem origem fora da região israelita, no Egito ou em uma região localizada entre o próprio Egito e a Judeia.

Em seu comentário, Römer (2016) expressa que através de textos contendo nomes relacionados a *Adonai*, chegou-se a *Ebla*, *Ugarit*, *Mari*, o *Egito*, a região do *Sinai* e o sul do *Negueb*. Entre todas essas regiões estudadas pela arqueologia, a que mais se identificou com a origem de *Adonai* foi a região entre o *Egito* e *Seir*.

Ainda de acordo com o Römer (2016), nos anos de 1.330 a 1.230 a.C., foi encontrado um papiro egípcio no qual se acredita conter o nome de *Adonai* de forma abreviada *Yah*, esse nome tem relação com um nome próprio cananeu: *Adônai – roe – Yâh*, “Meu Senhor é o pastor Yah”. Segundo o autor, transitando por essas regiões, existiam um povo nômades denominados *shasu*, mencionados em textos egípcios e, às vezes, ligados ao termo *Adonai*. Nesses textos, o nome *Adonai* está relacionado a um lugar geográfico (uma montanha talvez) e a um Nome Divino. Nessas listas, menciona que os *shasu* se encontravam principalmente no território do *Negueb* mais ao sul, porém segundo outros relatos, há muitos outros *shasu* ao norte do Levante até *Qatna*, no território da Síria atual. Considera-se *Seir*; uma espécie de título, reunindo o território geral no qual se situa o Sul de Israel, território de *Edom* e da *Arábia*. Por isso, a origem geográfica do nome divino citado nas declarações mais antigas direciona para esses lugares ao sul. Sobre esse tópico, Römer (2016) diz o seguinte:

Assim, os testemunhos arqueológicos, epigráficos e iconográficos mostram os *shasu* no território de *Edom*, de *Seir* e da *Arábia* no momento da transição entre o Bronze recente e a idade do ferro. E entre esses *shasu* se encontrava, talvez, um grupo cujo Deus tutelar se chamava *Adonai*. Esses testemunhos podem ser combinados com uma tradição bíblica que apresenta o Deus *Adonai* como um Deus vindo do sul.

Pode-se também confirmar a origem de *Adonai* vinda do Sul por quatro textos da Bíblia Hebraica: Deuterônimo 33,2 (cântico atribuído a Moisés); Juízes 5,4-5 (cântico celebrando a vitória das tribos de *Adonai*); Salmo 68 e Habacuc 3,3.10a (texto poético que retoma ideias similares). Esses quatro escritos, em contexto poético, estão relacionados entre si pelo fato de afirmarem uma origem sulista do Deus *Adonai*.

A dedução de Römer (2016) é que, por meio desses textos, *Adonai* possuía dois aspectos: de Deus da guerra e de Deus da tempestade.

Com base nisso, compreende-se facilmente que esse Deus era venerado por povos, que habitavam em regiões secas e que travavam constantes conflitos militares com outros povos ou com os egípcios. Neles fala-se também que,

ao mesmo tempo em que a Divindade apresenta um caráter guerreiro, tem-se também o caráter de Deus da fertilidade, de maneira semelhante ao *Ada* ou *Hadad* sírio (escritos *Ugarit* descrevendo o combate de *Bal* contra *Yam*).

### A representação divina em Madiã

Segundo Römer (2016) alguns arqueólogos e historiadores modernos não creem que houve uma fuga (êxodo) do Egito por duas razões: a afinidade de Israel e os cananeus, e por não haver evidências diretas da retirada. Contudo, muitos acreditam (como por exemplo, Thomas Römer, Mark S. Smith etc.) que uma reduzida parte dos grupos, que se uniram para criar a população israelita, tenha sido composta por veneradores de *Adonai*, que acabaram difundindo o culto. Quem eram esses primordiais javistas? Uma prova pode surgir de alguns documentos egípcios, que os chamam de *shasu* – algo como “nômades” ou “beduínos”. Conforme documentação arqueológica e geográfica sabe-se pouco a respeito dos *madianitas*, fora da Bíblia. O significado do nome *Madiã* não é muito claro. O autor sugere uma forma substantiva da raiz *mdy*, “se estender”. *Madiã* então seria uma “extensão” e o seu nome faz referência aos seus territórios de vales extensos. Em 1 Reis 11, é citado um país de *Madiã*.

Em Gênesis 25, há um breve e interessante relato sobre *Madiã*. Este texto relata e afirma que o Patriarca Abraão, após a morte de Sara e o casamento de seu filho Isaac (Gn 24), casa-se com uma mulher de nome *Keturah* e com ela teve vários filhos, entre eles, um de nome *Madiã*, descrito assim:

Abraão se casou com outra esposa cujo nome era *Keturah*; e ela lhe deu *Zimram*, *Jokshan*, *Me;dan*, *Midian*, *Ishbak* e *Shuah*. *Jokshan* foi o pai de *Sabá* e *Dedã*, e os descendentes de *Dedã* foram os *Assuritas*, os *Letushim* e os *Leumim*. Os descendentes de *Midian* foram *Ephah*, *Epher*, *Hanoch*, *Abida* e *Eldaah*. Todos esses eram filhos de *Keturah*. Abraão deixou todas as suas posses para *Isaque*. Para os filhos de suas concubinas, Abraão fez concessões durante sua vida, enviando-os de seu filho *Isaque* para o leste, para a Terra do Oriente. (Gn 25,1-6)

Römer (2016) nos diz que, de acordo com o texto, o território de *Madiã* se localiza ao sul de *Edom*, pela rota de *Edom* ao Egito, passando por *Wadi Ferrã*. Os *madianitas* eram nômades que conseguiram domesticar dromedários no terceiro milênio com a finalidade de meio de transporte, ao mesmo tempo em que trabalhavam na agricultura. Viviam em uma espécie de confederação no sudeste da Arábia. No segundo milênio esse dom de domesticar camelos, chegou até a Babilônia e ao oeste da Arábia, alcançando lentamente até o Levante. Na Bíblia, em Gn 37, encontra-se comentário dos *madianitas* como comerciante; na história de José. Eles são colocados em paralelo com os ismaelitas. Segundo o versículo 28, eles negociam José com os ismaelitas. Eles são citados também em Êxodo 2,4 e 18, no livro de Números 25, também no capítulo 31, Juízes 6-8, Habacuc 3 e em Gêneses 25.

Para Ramos (2015), o nome *Madiã* aparece inúmeras vezes nas tradições da Bíblia Hebraica, por cerca de cinquenta e nove vezes, só nos escritos do Pentateuco aparece por volta de dezoito vezes (Gn 25,2.4; 36,35; Ex 2,15.16; 3,1; 4,19; 18.1; Nm 22,4.7; 25,15.18; 31,3<sup>2</sup>. 7.8<sup>2</sup>.9). Atualmente, graças às pesquisas arqueológico-geográficas, há um melhor entendimento da história e localização do lugar.

Ainda segundo Ramos (2015), geógrafos greco-romanos e árabes têm informações de certa cidade com

o nome *Madiama/Madyan*, que de acordo com itinerantes contemporâneos e pesquisas arqueológicas atuais, é conhecida como *Al-Bad*, no leste do Golfo de Ácaba. Arqueólogos também encontraram em outros locais, após escavações, no extremo noroeste da península árabe, território da atual Arábia Saudita, ruínas de arquiteturas e camadas de cerâmicas, que comprovam que os *madianitas* habitaram essa região, entre os séculos XIII e XII a.C. Os *madianitas* dominavam a técnica de irrigação, com intuito de cultivar a terra, dividiam a terra em pequenas porções no formato de terraços. Foram também criadores de gados e camelos. O autor relata que no primeiro milênio a.C., *Madiã* se especializou na criação de camelos, atestando que essa prática já vinha sendo feita, desde o segundo milênio a.C. Isso significa que a domesticação de camelos pelos *madianitas*, teve início no terceiro milênio a.C., quando esses povos ainda desfrutavam de uma cultura sedentária. Agora a utilização do camelo como montaria, surge no primeiro milênio a.C. de acordo com descobertas de selas (beduínos como nômades-guerreiros), segundo (Ramos, 2015).

Portanto, Römer (2016) acredita que os relatos concedidos pelos textos, confirmam uma origem sulista de *Adonai* e, talvez, sua afinidade com os *shasu*, tribos seminômades, entre as quais se encontram os *madianitas* e os *quenitas*. Römer confirma, ainda, a forma complicada de saber a simetria histórica, que se pode conceder aos escritos sobre Moisés e *Madiã*. Segundo ele, é possível que Moisés fosse chefe de grupo de *apiru* que, quando saiu do Egito, teve o encontro com *Adonai* em *Madiã* e o deu-O a conhecer, logo após, as outras tribos do sul.

### **A maneira de como Adonai surgiu e transformou-se no Deus de Israel**

No capítulo 4 de seu livro, Römer (2016) relata o encontro entre *Adonai* e Israel e como esse Deus se tornou o Deus de Israel, sendo que os topônimos (nome geográfico próprio de regiões) judaitas ou israelitas antigos provavelmente do segundo milênio a.C., não apresentavam o elemento *Adonai*. Nesses lugares, os nomes das divindades eram diferentes, como se pode observar a seguir: (a) *Anat* (Anatoth, Jr 1,1-2: o lugar de origem do profeta Jeremias); (b) *Baal* (Baal-Peraçim; 2Sm 5: o lugar onde Davi venceu os filisteus); (c) *Dagon* (Bet-Dagon, Js 15,41: localidade situada no território de Judá); (d) *El* (Bet-El: um dos maiores santuários de Israel); (e) *Jericó* (Jericó, Js 6: conquistada por Josué, essa cidade reflete o nome do deus lunar); (f) *Shalimu* (Jerusalém); (g) *Shamash* (Bet-Sames, 1Sm 6: lugar dedicado ao deus solar, próximo a Jerusalém, servindo entreposto para a arca da Aliança).

Römer (2016) diz que de acordo com Êxodo 19-24, *Adonai* transforma-se no Deus de Israel logo após sua revelação a Moisés no Monte Sinai e pactua com ele uma “*Aliança*”. e como ficou a ligação da divindade com a clássica expressão: “*Eu Sou o Deus dos seus Pais*” anterior ao Evento do Sinai?

De acordo com Vaz (2008), as tradições da Torah apontam a clássica expressão: “Eu Sou o Deus de seus Pais” com *Adonai*. Deus aparece dialogando com os Patriarcas, usando o mesmo Tetragrama Sagrado que usou com Moisés. O Deus que se apresenta a Moisés e revela-lhe o Próprio Nome *Adonai* em Ex. 3,1-4,17, apresenta-se também a Abraão em Gn 12, 1ss. Entretanto, de acordo com o autor, existe uma grande diferença nominal dessas Tradições, ou seja, entre o Deus conhecido pelos Patriarcas e o Deus que se apre-

sentou a Moisés. No Êxodo de Moisés, Ele recebe um nome próprio completamente novo, que está ligado a um padrão de fé mais desenvolvido nesse Deus. Consiste em um Nome que não fora revelado aos Patriarcas como está em Ex. 6,2-3 e em Jz 2,10. Vários escritos antigos expressam a definição clara de que *Adonai* não foi, desde sempre, o Deus de Israel, mas associa-o a uma região que possui vários nomes como *Sinai*, *Seir*, *Monte Farán*, *Campos de Edom e Temán*. Em Dt 33,2, chamam-no de *Adonai* do Sinai. Em Os 12,10; 13,4 comenta-se de um *Adonai* que veio do Egito. Em 1Rs 19,8 Elias inicia uma longa jornada para se encontrar com *Adonai* no *Monte Horeb*.

Conforme Vaz (2008), todas essas passagens dão indícios de que Deus com o Nome *Adonai* é proveniente de um “*Monte*”, dos territórios desérticos além do sul de Israel. Em todo caso, o Nome que Israel deu a Deus apresenta-se relacionado ao Sinai, ao êxodo do Egito e à vocação de Moisés, o Líder Libertador. As várias referências da tradição antiga da Torah apontam que o grupo de hebreus do êxodo teve compreensão de Deus na circunstância de sua experiência de libertação por intermédio de Moisés. Moisés e os seus inseriram uma novidade na história de revelação de *Adonai* e adicionaram mais um toque à constituição da sua imagem.

*Adonai* é um nome completamente novo do Deus dos Pais, de acordo com Vaz (2008), venerado pelos antepassados dos hebreus, provenientes da Mesopotâmia. O nome próprio do Deus de Israel só foi adotado ou recebido na época pós-patriarcal e pré-monárquico. Posteriormente, foi esclarecido teologicamente em condições de “*Ser, Existir*”, com uma etimologia popular a partir do verbo hebraico com esse sentido.

Segundo Vaz (2008), o esclarecimento teológico foi-se formando gradativamente, em junção com a narrativa precursora que dava interpretação à experiência humana e religiosa do Êxodo. Este episódio originário era uma força propulsora, que com o passar dos tempos foi-se enchendo de sentido, enquanto o povo israelita seguia interpretando ou reexaminando à luz dele. Destaca-se, ainda, que, a partir do evento, nasceu o significado, que foi surgindo por meio da *Palavra*, após meditação duradoura, com distanciamento e profundidade da parte do povo, *Eventos e Palavras* que, na língua hebraica, se pronunciam do mesmo modo, “*dabar*”. Assim, do mesmo modo, o relato da Apresentação do Nome de *Adonai* é uma Mensagem, um Evento repleto de sentido, escrito do ponto de vista do seu desfecho e da experiência coletiva da história de Israel, mais como profissão de fé do que uma narrativa real.

Quanto à divindade *El*, Römer (2016) diz que essa adoração aparece bastante na história Patriarcal do Gênesis (12-50), particularmente na história de Jacó, que após ter lutado com Deus e ter seu nome mudado para Israel por esse Deus. Ele constrói um altar para *El*, Deus de Israel perto de *Siquém*, provavelmente, para marcar seu território Gn 33,20. Mais ainda, por detrás da Tradição de Jacó, têm-se recordações de clãs do período do final do segundo milênio a.C. Assim, é de se pensar que os filhos de Jacó adoraram uma ou diversas manifestações da Divindade *El*. O termo *El*, Deus de Israel, provavelmente, está firmada em uma tradição antiga. Por fim, quando os redatores elaboraram a história dos Patriarcas, antecedendo a época de Moisés, apresentaram-nos, cultuando *El* em diferentes manifestações, deduzindo que os leitores entendessem *El* como o mesmo que Deus ou *Adonai*. Em Gênesis podem-se encontrar várias denominações a *El*:

- a) *El Elion (Gn 14,18-22)*.** Neste texto, pode-se notar certa popularidade de *El Elion* em Israel e Judá, logo após, esse título ser passado para *Adonai*.
- b) *El Roi (Gn16)*.** Esse nome só é encontrado em Gênesis 16 (*El da visão* ou *El me vê*). Nome dado por Agar, serva de Sara, quando estava no deserto. O redator quer sinalizar que esse *El* é semelhante a *Adonai*, nome que Agar vai colocar em seu filho, Ismael, que significa “*El escuta, entende*”.
- c) *El Olam (Gn 21)*.** Este texto relata uma aliança entre o rei filisteu Abimelec e Abraão. Encontra-se esse título também em *Ugarit*, mas usado por um outro deus com o nome de *Shapsu*, denominado divindade solar. Em 1 Samuel 6, encontra-se como *Shamash* (Bet-Sames), lugar dedicado ao deus solar, próximo a Jerusalém. Portanto, o nome refere-se a uma divindade solar.
- d) *El Shaddai (Gn 28,3; 35,11; 48,3; Ez10,5, também no livro de Jó)*.** Esses títulos são utilizados nos textos sacerdotais da época persa e como denominação de *Adonai*, no livro do Gênesis, utilizaram-se de um nome arcaico, mas que se refere, a sua época, a uma divindade cultuada na Arábia, para edificar uma história da revelação, expondo que, no tempo precedente à manifestação de *Adonai* a Moisés (Ex 6), os Patriarcas e suas gerações variadas, inclusive as tribos árabes descendentes de Ismael (Gn 25), também os *edomitas* cujo patriarca foi Esaú, cultuavam diferentes manifestações do Deus *El*.

Há, também, um *Adonai* da Samaria, em Israel e um *Adonai* de *Temã*, do Sul. Quanto à introdução de *Adonai* em Israel, conforme descreve a nota da Bíblia Nova Pastoral (2014), em 1.200 a.C., as cidades centrais entraram em crise devido a diversos fatores, entre eles, os ataques dos “*povos do mar*”, e a reação ao sistema autoritário das cidades-estados. Grupos de pessoas marginalizadas (pastores, camponeses, agricultores “*hapirus*” de canaã e grupos escravizados no Egito) fogem para as montanhas e veem nas aldeias a esperança de viverem longe das grandes opressões colocadas pelos reis cananeus e faraós. A partir desse aumento populacional, são formadas as tribos. Partindo de *Betel* e *Siquém* é formada as tribos de *Benjamim*, *Efraim* e *Manassés*, e de Hebron forma-se a tribo de Judá que, depois, será anexada à *Bersabeia*. Temos, assim, o cerne inicial de Israel, que se originou nas montanhas. Durante essa etapa, certos povos devem ter levado e introduzido a veneração a *Adonai* para o seio das aldeias e tribos de Israel.

Em sua obra, Smith (2006) relata a importância dos *edomitas*, *madianitas* e outros povos fixados ao sul de Judá, que tiveram na cultura e memória o Antigo Israel. Um destaque maior vai para os *edomitas* que, em Gênesis 36, recebem um enorme e relevante comentário sobre a sua amigável relação com os israelitas. De acordo com o autor, nas entrelinhas da passagem de Juizes 5,4, é provável que houvesse uma ótima relação tanto de amizade como também grande envolvimento em transações comerciais. Como contribuição, o povo *edomita* compartilhou a veneração do Deus *Adonai* com os israelitas, povo que habitava nas montanhas, em meados do período do Ferro Antigo (1.150 a.C.).

Segundo Smith (2006), nos relatos de Gênesis 25, 19-34 (história dos irmãos gêmeos Jacó e Esaú), pode-se notar indícios dessas relações positivas entre Israel e Edom, e de como Israel apoderou-se do Deus *Adonai*. Nos relatos de Gênesis, Jacó sempre se apresenta superior a Esaú. Israel se apodera do Deus de *Edom*, justificando que foi *Adonai* quem o escolheu. Aos poucos Israel foi tomando posse do Deus dos *edomitas*.

Smith (2006) afirma que *Adonai* teve suas origens fora do território de Israel e que suas origens mais prováveis apontam para o território do extremo sul de Judá, em *Edom*, nas regiões de *Madiã*, *Teimã*, *Parã* e *Seir*. O autor deixa claro que, no período pré-monárquico e monárquico, esses povos nem sempre foram inimigos de Israel ou vice-versa e foi graças a essas relações de amizade, que os *edomitas* puderam partilhar a adoração de seu Deus com os israelitas, como se pode comprovar nas passagens de Gênesis 36, Deuteronômio 23,7, Deuteronômio 33,2, Juízes 5,4, Habacuc 3,3. Portanto, essas passagens, além de esclarecer sobre as relações positivas entre esses povos, afirmam que *Adonai* teve suas origens no extremo sul, em *Edom* também nomeado de *Madiã*, *Teimã*, *Parã* e *Seir*.

Descreve ainda Smith (2006) que, devido ao peso das preocupações nacionalistas da monarquia e do capricho dos sacerdotes do Templo, algumas partes da História Antiga de Israel podem ter sido excluídas e outras enxertadas nas Coleções de Escritos posteriores, resultando em um memorial incompleto da religião e da cultura do Antigo Israel, no livro de Gênesis e Juízes.

Römer (2016) diz que certos textos de Êxodo têm traços rituais em que os *shasu/apiru* se designaram por meio de um mediador, como povo de *Adonai* (*'am Adonai*), povo de um Deus Guerreiro, a quem foi atribuído a vitória contra o Egito. Após, *Adonai* é inserido por esse grupo no território de *Benjamim* e *Efraim*, onde se localiza Israel (Dt 33,2-5). Supostamente, tem-se aí traços da ascensão de *Adonai* como Deus de Israel. Essa ascensão tem início no começo da realeza, a partir da virada do segundo para o primeiro milênio a C. É nesse clima que *Adonai* passa a ser o Deus Protetor de Saul e de Davi, que O transportou para Jerusalém.

### **A introdução do Deus Adonai em Jerusalém e seu Templo**

Nas Escrituras (1Rs, 6), Salomão é tido como responsável pela construção do templo de Jerusalém. Os redatores da Bíblia hebraica apresentam Salomão como um rei sábio (1Rs 3,16-28), rico (1Rs 5,1) e estimado pelos reis de todo o mundo (1Rs 10). Salomão é apresentado como construtor do Templo de Jerusalém para o Deus de Israel (1Rs 10,23) no século X a.C.

Segundo Römer (2016), a ideia da existência de um templo salomônico foi pura ficção e quanto aos capítulos 3 ao 11 de 1Reis, foi na verdade a projeção da realidade do Império neoassírico sobre Israel, para torná-lo dono de um passado glorioso. No século X a.C., o tamanho de Jerusalém não era suficiente para ser a capital de império. Na narrativa da tradução grega da construção do templo, 1Rs 6-11 aparenta apenas que o Templo já existia e que só foi realizada uma reforma para *Adonai*, construindo apenas um anexo. Quando se observa o versículo 7 de 1Rs, percebe-se que ele só faz sentido, se for enxergado como uma construção já existente.

Pelas descrições dos textos, conclui-se segundo RÖMER (2016) que a construção ou renovação feita por Salomão é, a princípio, um templo para *Shamash* (*deus solar*). Percebe-se isso, pela orientação Leste-Oeste do Templo de Jerusalém, escrito em 1Rs 6,8;7,39. Dá-se a entender que o santuário acolhe não um, mas dois deuses. A ideia de um culto conjunto de um deus solar e um deus da tempestade é encontrado no norte da *Síria*

e da *Anatólia*, onde se observa o deus da tempestade com seus símbolos e acima dele o disco solar. E mais, o Templo de Jerusalém foi antes habitado por outra divindade solar, que foi associada a *Adonai*. Chegando em Jerusalém, *Adonai* não é a divindade primordial, essa conquista vai acontecendo aos poucos, pois os dois reinos (Israel e Judá) pleiteiam Adonai.

## O Deus Adonai junto a outros deuses em Israel

Conforme redatores bíblicos, relatada no livro dos Reis, a história dos dois reinos de Israel e de Judá foi escrita em um panorama “sulista”, ou seja, do ponto de vista de Judá. É complicado fazer o resgate das tradições e da religião “nortista”, mas não resta dúvida de que o culto a *Adonai* se originou no Norte e expõe formas bem contrárias ao que é apresentado pelos redatores do Sul, que apresentam o culto de *Adonai* do Norte como um culto idolátrico, na contramão da vontade divina. A explicação da queda do reino de Israel em 722 foi exatamente essa, “a idolatria de Jeroboão” cultuar *Adonai* sob a forma de touro (1Rs 12), contrariando Deus.

Para Römer (2016), apesar de cair ao ataque babilônico, nos escritos bíblicos Judá está em uma posição mais privilegiada perante *Adonai*. Essa posição privilegiada do reino de Judá se deve ao fato de *Adonai* ter escolhido Davi e sua linhagem, garantindo-lhe, uma perpetuação eterna (2Sm 7). O culto sacrificial foi centralizado em Jerusalém. Por sua vez Jerusalém também foi destruída pelos babilônicos (587 a.C.); havia também a necessidade de explicação dessa derrota como punição de *Adonai* pelas desobediências de certos reis. O autor relata que esse ponto de vista bíblico é apresentado pela fonte deuteronomista que revisou os rolos de Samuel e dos Reis antes e depois da época do exílio babilônico. Mas de acordo com o autor, esses fatos não correspondem à verdade histórica. Não resta dúvida de que geograficamente e politicamente, Israel teve domínio durante os dois séculos de existência, ao mesmo tempo em que Judá não passava de uma pequena cidade, que continuamente esteve na condição de vassalo do Israel do Norte.

Römer (2016) conclui a que a ideia de um reino unido em torno de Davi e Salomão, foi mais imaginação dos redatores bíblicos do que dos fatos. É necessário explicar o motivo pelo qual nos dois reinos houve o culto a um mesmo deus nacional. Segundo o autor, em outros territórios do Levante, existia também a partilha de deuses; é, em particular, o caso de “El” e de *Adonai*, fora do território de Israel e Judá, *Adonai* foi igualmente cultuado. Segundo os textos bíblicos e inscrições, o culto a *Adonai*, de acordo com manifestações locais, eram muito variados. Há um *Adonai* na Samaria e um fora de Israel e de Judá, em *Temam* no Sul. Em 2Sm 15,17, fala-se de um *Adonai* em *Hebron*; no Sl 99,2, diz de um *Adonai* em *Sião* e Gn 28,10-22, da fundação do culto a *Adonai* em *Betel*.

Conforme os Escritos Sagrados, o fundador do reino do Norte foi Jeroboão, que tinha antes se rebelado contra Salomão e fugido para o Egito (1Rs 11,26.40). A mesma narrativa diz que depois de ter formado seu próprio reino com as tribos do Norte, Jeroboão edifica dois santuários, em *Betel* e em *Dã*, onde teria erguido “*estátuas bovinas*” representando o Deus que tirou os israelitas do Egito, (1Rs 12,28-30). Os redatores bíblicos do livro dos Reis consideram esses santuários como sendo do *Deus do Êxodo*.

*Adonai* foi cultuado em *Israel*, em *Betel* e seguidamente em *Dã*, na aparência de um touro no mesmo formato de *Baal* em *Ugarit*. Esse Deus foi responsável pela saída do Egito, que aparentemente seria uma tradição do reino do Norte. De acordo com o livro do profeta Amós, *Betel* foi o santuário mais importante no século VIII

a.C. (Am 7,13). No entanto, deve ter existido um Templo na Samaria, como é atestado no primeiro livro dos Reis (1Rs 16,32). Também sobre o rei *Omri* e seu filho, sucessor rei *Acab*. *Omri e Acab*, cultuaram *Baal* e arranjaram um local de sacrifício para *Adonai* do qual o Templo principal se localizava em *Betel*. Posteriormente, o Templo de *Baal* é destruído na Samaria, por *Jeú*, que acaba com a dinastia *Omri* e torna-se ele mesmo o rei de Israel (2Rs 10,21-27).

Do ponto de vista geográfico, havia santuários em vários lugares, como em *Betel*, *Dã* e *Siquem*. Em *Tell Deir `Alla*, lugar que fazia parte de Israel e que hoje faz parte da *Jordânia*; encontraram-se os nomes das seguintes divindades, nestes lugares: *El*, as deusas *Ashtar*, *Shagar* e *Shamash*. De acordo com o livro dos Reis, o Monte Carmelo possuía um importante Templo de *Baal*, relatado na história de Elias. Foi a partir da revolta de *Jeú*, que *Adonai* se tornou decididamente Deus superior de Israel. Primeiramente cultuado no Norte, acima de tudo como deus *Baal*, ou seja, *Deus da tempestade*, similar em certas partes a divindade *Baal* de *Ugarit*. Não foi o único Deus cultuado em Israel; possivelmente ele foi subalterno de *El* (principalmente no santuário de *Betel*). No reinado dos omridas, dois *Baalim* se rivalizavam: O *Baal* da Fenícia *Milqat* e o *Baal Adonai* (Römer, 2016). Logo depois *Adonai* incorporou traços de *El* e traços solares, tornando-se um *Baal shamen*, “senhor do céu”.

## O Deus Adonai junto a outros deuses em Judá

Römer (2016) descreve não haver provas do culto a *Adonai* como uma figura com aspecto bovino em Jerusalém, como foi no reino do Norte (Israel). Em Judá, ele aparecia como uma figura real, sentado em um trono, recordando o Deus *El*. O autor alega que *Adonai* aos poucos foi tomando o lugar da divindade solar e transformou-se no Deus superior de Jerusalém e do território de Judá, como atesta a inscrição encontrada em *Khirbet Beit Lei*, que fica a oito quilômetros de *Laquis*, com datação entre os séculos VIII e VI a.C. Segundo o autor, isso atesta à hipótese de que *Adonai* foi primeiramente o Deus de Jerusalém ligado à linhagem davídica. Essa ligação explicaria as estátuas reais de *Adonai* que domina todo o Sul.

Em Judá havia uma diversidade de santuários. Segundo (RÖMER 2016), apesar de não estar escrito na Bíblia Hebraica por motivos de censura sobre os vários santuários javistas fora Jerusalém e em todo território de Judá, ele cita várias vezes o *bâmôt* “os lugares altos”, tanto no Norte e com mais frequência no Sul.

Os *bâmôt* são citados principalmente nos livros de Samuel, dos Reis e em paralelo nos livros de Crônicas. São santuários locais, sem a vigilância do rei, geralmente edificadas em colinas ou lugares altos. Na maioria das vezes trata-se de santuários ao ar livre, em lugares altos e, na maioria das vezes, são santuários javistas, como podemos examinar em 2Rs 15,4, de acordo com Römer (2016).

A ascensão de *Adonai* em Jerusalém, conforme relata Römer (2016), sucedeu-se como no reino do Norte e *Adonai* não foi o único a ser cultuado. Primeiramente, conviveu no templo com uma divindade solar, do qual foi subalterno. Assim como nos reinos de *Moab* e *Amon* (reinos de tamanho semelhante a Judá, a leste do Jordão), a medida que o império se desenvolvia, o Deus dinástico, aos pouco, tomava lugar e ofuscava os outros deuses, deixando os em segundo plano. Situação idêntica ocorreu em Jerusalém. Quanto a *El* e *Adonai* em Jerusalém,

para Römer (2016) é possível que, em Jerusalém, houvesse culto a uma divindade de nome *El Elion* ao modo de *El* em Ugarit e que só mais tarde é que *Adonai* tenha sido reconhecido como *El*.

Em Gênesis 14, há o encontro de Abraão com o sacerdote de *El Elion* em *Salém*, reconhecido como Jerusalém. Nos escritos massoréticos, esse Deus é Revelado como *Adonai*. *Adonai* incorpora os traços e as funcionalidades do deus solar, após sua ascensão em Jerusalém, e o culto ao Deus solar em Jerusalém pode ser elucidado pela influência egípcia, entre outras. Diferentemente do reino do Norte, em Jerusalém, *Adonai* foi constantemente pensado em um trono cercado de querubins ou de serafins. Nos variados textos bíblicos, *Adonai* é denominado de “Aquele que se assenta sobre os querubins” (1Sm 4,4; 2Sm 6,2; 2Rs 19,15; 1 Cr 13,6; Sl 80,1; Sl 99,1; Is 37,16; Ez 10,2; Ez 10,6; Ez 10,7;).

Römer (2016) descreve que na iconografia *assíria* esses seres são representados como híbridos semelhantes às esfinges, com cabeça humana e o corpo de animal, constantemente como um leão. Na iconografia *neoassírica*, aparecem como uma criatura perigosa, ameaçando fauna e flora; por isso, são geralmente colocados como guardiões nas entradas de palácios e templos. O autor relata que nos escritos da edificação do Templo de Jerusalém há a existência de querubins nesse Templo (1Rs 6). De acordo com o capítulo 1Rs 6, esses querubins guardavam a arca. Contudo, segundo o autor, eles representavam a Imagem real de *Adonai*, que transparecia outros nomes, que lhe eram dados em Jerusalém.

Com isso, deduz-se que no reino de Judá, no decorrer dos séculos IX e VIII a.C., *Adonai* transformou-se no “Rei Supremo”, Deus da dinastia davídica e Divindade nacional de Judá. Ele incorporou os ofícios do deus solar e adaptou as funções dos deuses *Baal* e *El*. A realeza centralizou o Templo em Jerusalém, apesar de haver outros santuários javistas, principalmente em áreas abertas no campo, “*os bāmôt*” (RÖMER, 2016).

## A consorte de Adonai

Na Bíblia, *Adonai* tem sido considerado um Deus Celibatário e Único, e a deusa *Asherah* como sua rival, tendo seu culto como idolátrico. É nesse cenário que os redatores bíblicos têm mostrado as situações. Mas de acordo com as descobertas, as circunstâncias são bem diferentes do que se tem apresentado. É provável que *Adonai* em Judá e em Israel, tenha tido uma deusa consorte, parceira. Na estela de *Mesa*, há o nome de uma divindade chamada *Ashtar*, que é ligada ao deus nacional *Quemós*.

FOHRER comenta um fato interessante sobre a relação com outros deuses, com a natureza e os elementos de *Adonai*. Sobre esse fato, o autor esclarece que:

Ao contrário do que acontecia com a maioria das divindades do antigo Oriente Médio, *Adonai* Existe Sozinho. Ele nem chefia nem pertence a um panteão (simplesmente uma corte celestial é atribuída a ele mais tarde), nem é Ele dado a uma consorte, filho ou filha. Esse isolamento é tão característico de Sua Natureza que a tentativa de associá-lo, posteriormente, com uma deusa não teve sucesso, 1Rs 15,13. (1983, p. 87)

Cordeiro (2011) busca reconstruir a imagem da deusa *Asherah* como divindade, por meio das recentes descobertas arqueológicas, trazendo elementos que se aproximam do que anteriormente foram espaços religiosos essen-

ciais na vida do povo do Antigo Israel. A autora frisa que os textos Sagrados foram marcados pelo sistema patriarcal, que lançou na história a figura de um Deus único e masculino, descartando uma realidade politeísta do Antigo Israel, em que deuses e deusas participavam de um mesmo contexto. Esse sistema legalizou práticas e funções masculinas, tirando fora de cena todas as representações femininas. Em sua obra a autora destaca que nem sempre Israel teve um Deus Único, *Adonai*.

Segundo Cordeiro (2011), de acordo com as explorações de sítios arqueológicos, os pesquisadores vêm descobrindo que *Adonai* nem sempre reinou sozinho. Antes da supremacia do monoteísmo, em Israel, *Adonai* dividia o Seu Trono com vários deuses e deusas, o que possivelmente tornou-o idolatrado ao lado de uma deusa consorte de nome *Asherah* (divindade feminina nativa do Antigo Israel, que o nome significa árvore, bosques ou poste). A autora se baseia no texto de 2Reis 23,3-7 para dissertar em particular sobre a deusa *Asherah*, divindade que também foi pulverizada dos Escritos Sagrados na reforma de Josias em meados do século VII a.C., junto com os outros deuses no Antigo Israel, em favor do monoteísmo. A ação de eliminação da Deusa *Asherah* do ambiente religioso do Antigo Israel é percebido e constatado com nitidez por mais de quarenta menções à deusa na Bíblia Hebraica (alguns exemplos: 1Rs 14,15; 1Rs 14,23; 1Reis 15:13; 2Rs 16,3-4; 2Rs 17,10, Jr 2,20; cf. 2Cr 15,16; 2Cr 17,6).

Quanto às origens do monoteísmo no Antigo Israel, Cordeiro (2011) revela que, antes do século V a.C., era *El* o Deus de Israel, era *El* quem ocupava o trono divino e que *Adonai* era um Deus estrangeiro e que, aos poucos, se integra ao grupo dos outros deuses. Ele passa a constituir-se como Deus Único somente no século V a.C. e segue provocando as demonizações das demais divindades.

Foi no Reino do Norte que se inicia os confrontos religiosos que tem começo no século IX a.C. até o século VIII a.C., onde *Adonai* toma os atributos de fertilidade de *Baal*. Quanto ao Reino do Sul, inicia-se no final do século VIII a.C. até o fim do século VII a.C., na medida em que Judá vai se tornando uma nação, pois o monoteísmo é reconhecido em uma circunstância nacionalista. Neste processo de “*demonização*” das divindades, a própria deusa *Asherah* é banida da companhia de *Adonai* como se fosse uma divindade do mal, conforme descreve (CORDEIRO, 2011).

A deusa *Asherah* marcou presença em Israel da Idade do Bronze até à idade do Ferro, no Oriente Médio, na época da Idade do Bronze Médio (1800-1500 a.C.). Sua caracterização nesse período ora apresentada como *deusa-Nua*, ora em forma de *ramos* ou *pequenas árvores* estilizadas (CORDEIRO, 2011).

Isso significa dizer que a divindade *Asherah* apresenta duas modificações na Idade do Bronze Tardio (1550-1250/1150 a.C.) afirma Cordeiro (2011), na forma de árvore sagrada flanqueada por cabritos ou como um *triângulo público*, que representa a árvore. A representatividade da deusa vai perdendo força para divindades masculinas caracterizadas por atributos guerreiros e dominantes. O aspecto corporal de deusa-árvore vai sumindo na Idade do Ferro I (1250/1150-1000) assumindo aspectos de *animais, que amamentam filhotes* ocasionalmente de árvore estilizada, indicando a prosperidade e a fertilidade. O domínio da deusa *Asherah* é reduzido agora aos espaços de religiosidade femininos. A formação do Javismo tem início na Idade do Ferro IIA (1.000-900 a.C.) e, segundo Cordeiro (2011), as deusas passam a ser representadas por suas características. Na Idade do Ferro IIB (925-

720/700 a.C.), Israel e Judá mostram alterações na esfera simbólica. Há um elo íntimo entre *Asherah* e *Adonai*, ao apresentar um ambiente politeísta

Cordeiro (2011) afirma que, no templo de *Arad*, no *Neguev*, ao sul de Jerusalém, arqueólogos encontraram grandes provas de que *Asherah* também fora cultuada neste local (como duplo altares, par de pedras verticais, tigelas e cinza de animais queimados) indicando que a deusa era venerada ao lado de *Adonai*, o templo é do período do Bronze Recente, entre o século X e século VIII a.C. na época da reforma de Ezequias, que o destruiu (2Rs 18). Também de acordo com a autora, foram achadas várias estatuetas femininas quebradas em uma caverna em Jerusalém próximo ao Templo de Salomão. Essa descoberta sinaliza tanto a existência do Templo como também a veracidade sobre a destruição de cultos pagãos (época em que o rei Josias mandou destruir todos os vasos feitos para *Baal* e *Asherah*).

Serão os repatriados da Babilônia que responsabilizaram a adoração à deusa *Asherah* pela queda de Israel. Com base neste ponto de vista, inicia-se a “diabolização” de deuses e deusas e o culto a *Asherah* se torna proibido. Segundo a autora, os redatores bíblicos se preocupam em eliminar a figura e a lembrança de *Asherah* ao lado de *Adonai* como sua consorte, mas as diversas menções a *Asherah*, indicam o quanto a deusa foi importante no contexto religioso e isso a colocou como enorme ameaça a *Adonai* (monoteísmo em ascendência).

Do ponto de vista de Cordeiro (2011) Ezequias fez uma profunda reforma religiosa e política, com o intuito de agrupar o povo ao redor de um só Deus e um só rei. Em 2Rs 23,4, o rei Josias (640-609 a.C.) estabeleceu novamente outra reforma, coloca Jerusalém como centro político e religioso, destrói os santuários de *Adonai* fora da cidade de Jerusalém e destitui os cultos cananeus e assírios promovidos no Templo em Jerusalém e nos lugares altos. Foi a partir de Josias que a veneração única a *Adonai* é solidificada pela corte e pela classe sacerdotal de Jerusalém, mas que para religiosidade popular, custou caro. Em Is 27,9 a Deusa *Asherah* é apontada e como o *pecado de Israel*, devendo ser eliminada em razão disso.

Possivelmente os escritores bíblicos buscavam uma clara finalidade de redigir a história com base em *Adonai*, Deus Único, de tal maneira que *Asherah* de companheira passa a ser sua adversária, ou seja, os redatores bíblicos tinham a clara intenção de tornar *Adonai* um Deus Único e Masculino, rejeitando, desse modo, toda existência politeísta em Israel (CORDEIRO, 2011).

Todavia, para Römer (2016), a menção refere-se, possivelmente, a uma deusa, conselheira, que segue *Quemós* em suas aventuras militares. Várias inscrições relacionam a *Adonai* uma *Asherah*, e ela é de modo igual referida em textos bíblicos. Enquanto a origem de *Asherah* é provavelmente *oeste-semítica*, (apesar de que tenha sido reconhecida na Mesopotâmia, no tempo de *Hamurabi*, século XVIII a.C.), em *acádio* e *hitita*, ela se apresenta como *Asratu* (m), *Asiratu*; aparece também em três textos rituais da era selêucida na Mesopotâmia.

Na Bíblia Nova Pastoral, na introdução, Dietrich (2014) cita que nas aldeias camponesas nas montanhas, a veneração às deusas e aos deuses estavam voltados às várias questões em favor da vida, como ter vários filhos, fertilidade dos campos e dos animais, saúde, amor, proteção, culto aos ancestrais etc.

Por sua vez, Römer (2016) fala da descoberta de *Adonai* e *Asherah* em um objeto cultural achado em 1968 em *Ta'anakh*, lado sul do vale de *Jezrael* na Galiléia com datação do século X ou IX a.C. Römer. Afirma, ainda, que no

texto de 1Reis 16,33, há o relato de que o rei Acab ergueu uma *Asherah*, possivelmente no Templo da Samaria; encontrada ainda no tempo do rei Joacaz (814-798 a.C.). Em 2Rs 13,6, relata sobre o pecado de Jerobão trazido para Israel. Para Römer, em 1Rs 15,13, há o relato da rainha Mãe, *Maaka*, avó do rei Asa, que edificou um templo em nome de *Asherah*, destruído em meados de 910-869 a.C. Em Rs 18,4, o rei é mal visto pelos redatores dos livros dos Reis; Manassés (cerca de 687-642) teria reformado uma estátua de *Asherah* que o seu antecessor Ezequias, teria destruído.

É possível que, em Judá, no século VIII a.C., houvesse um culto popular a uma deusa com o nome de “*Rainha do Céu*”. Nesse culto, o papel principal era das mulheres. Em dois textos de Jeremias 44, existem censuras severas a esse culto. Mas os judaitas partidários da deusa protestam esse ponto de vista de culpa à divindade (Jr 44,17-18). Talvez, a *Rainha do Céu* tenha sido uma representação de *Asherah*. 2Rs 23,6-7 relata a relevância das mulheres na veneração de *Asherah*, segundo o qual elas teciam túnicas para a divindade.

### Considerações finais

O povo judeu é merecedor de grande admiração, pelo seu jeito de lidar com as Escrituras, seu modo de vida, e principalmente pelo seu cuidado, receio e reverência pelo Nome de HaShem (Tetragrama Sagrado). De acordo com as obras dos autores citados nesse artigo, desde a época Persa, a pronúncia do Nome de Adonai, extinguiu-se por não serem capazes de pronunciarem o Santo Nome de Deus, o povo desse período, não proferem mais o Tetragrama Sagrado. Por não conhecerem mais o Nome de Deus, esse povo substituiu-O por outros títulos à altura de Adonai.

O Nome confere a Adonai um Ser ativo, poderoso e eficiente. A Natureza contida em Seu Nome, expressa a combinação de Ser, transformar e Realizar, por isso, é uma Presença Eficaz. Foi através de Moises, que Israel conheceu o Nome Divino *Adonai*, privilégio somente desse povo, que pode lhe apresentar uma veneração apropriada. Portanto, Israel não deve se apropriar dessa Ciência; surge então na época persa, a proibição de se falar o nome *Adonai*. Uma marca que destaca a superioridade de *Adonai* é o fato do judaísmo no século IV a.C., não mais pronunciar o Seu Santo Nome, mas trocá-lo por “*Senhor*” ou “*O Nome*”. Este propósito era esclarecido também pelo novo credo monoteísta, que dizia que o nome próprio era para diferenciar pessoas ou um deus do outro; sendo Deus único, *Adonai*, não precisava de um nome próprio, que remeteria a um legado politeísta.

A transição de *Adonai* no Único Deus foi concluída através da renúncia do judaísmo em pronunciar o Seu Santo Nome; posteriormente, com a tradução da Torá para o grego (*Septuaginta*), permitiu-se que o mundo O descobrisse e, finalmente se voltasse para Ele. Com as descobertas dos estudos arqueológicos tem se permitido retrazar o caminho de um Deus, com origem localizada em alguma parte no “*Sul*”, entre o Egito e o Neguev precisamente em Edom, nas regiões de Madiã, Teimã, Parã e Seir e que, antes de tudo, era ligado à guerra e à tempestade e que se torna o Deus de Israel e de Jerusalém. Esse Deus (*Adonai*) prescrevia uma conduta ética e moral orientada pela justiça, a caridade e principalmente o amor ao próximo.

Com a libertação do cativo no Egito, o povo ganha a incumbência de ser a Revelação do Rosto de Deus para outros povos: “Quanto a vós, porém, Adonai vos tomou e vos fez sair do Egito, daquela fornalha de ferro, para que fôsseis o povo da sua herança, como hoje se vê” (Dt 4,20), ou como esse mesmo Deus proferia ao povo através do profeta Isaías: “Eu, Adonai, te chamei para o serviço da justiça, tomei-te pela mão e te modelei, eu te pus como aliança do povo, como luz das nações” (Is 42,6). Portanto, todos nós estamos incumbidos de ser para o outro aquilo que o outro deve ser para toda a humanidade: “Abre a mão em favor do teu irmão, do teu humilde e do teu pobre em tua terra” (Dt 15,11). Ser

o povo eleito de Deus não é privilégio, mas é serviço e missão. Nosso privilégio é poder *servir* aos outros.

Entendeu-se que a razão crucial pelo qual o povo transmitia a história de seu passado era o fato de jamais esquecerem a Libertação que Deus havia concretizado em prol deles, resgatando-os da escravidão do Egito.

Quanto a *Asherah*, entendeu-se que logo após a traumática vivência do exílio babilônico e no esforço de reorganização da nação, a comunidade judaica passa a se formar ao redor de três pilares: um só Deus, um só Povo e uma só Lei. Ter *Adonai* como Deus central se transforma em um importante aspecto de segurança e legitimação da nova identidade nacional em construção. A culpa da destruição de Israel recai sobre a idolatria e neste cenário *Adonai* sai vitorioso. Isso recairá no confronto que os textos bíblicos manifestam no que diz respeito a *Asherah* e a outros deuses e deusas.

Compreendeu-se que, apesar de *Asherah* ter sido considerada a consorte de *Adonai* antes da instituição do monoteísmo e de *Asherah* ser considerada deusa mãe (da fertilidade), apesar dela ser também cultuada em ambientes familiares tanto por mulheres como também por homens, foi em Ezequias e depois no reinado de Josias, que se deu a Reforma Religiosa, extinguindo-se sem distinção as práticas de adoração nativas em Judá (2Rs 23,4-7), não dando preferência a nenhum deus ou deusa a não ser *Adonai*. Portanto, o mesmo tratamento destrutivo dado a *Asherah* e outras deusas, foram dados também aos outros deuses da região de Judá, independentemente de ser deusas ou deuses o foco central era elevar *Adonai* ao posto de Deus Único e não a destruição do sagrado feminino por ser feminino.

Apesar de na história de Israel, *Asherah* ter sido uma importante deusa ao lado de *Adonai*, apesar de que também na Bíblia Hebraica haver várias referências sobre ela e que com a Reforma, haver tentativas de transformá-la apenas em postes e árvores sagradas (símbolos da divindade, não objeto de culto), apesar de sua imagem ser apagada de uma forma injusta dos escritos oficiais da Bíblia Hebraica, pelos redatores, constata-se, portanto, que não houve uma discriminação e uma perseguição velada à *Asherah* por ser uma deusa do sexo feminino, mas pelo fato dela ser uma deusa como os outros deuses, pois como já foi dito, o que estava em jogo era a soberania de *Adonai* como Deus Único sobre esses deuses. Nota-se que a deusa era adorada nos meios domésticos (familiares), sem distinção, tanto pelas mulheres como pelos homens, porém, a situação muda de figura, quando a monarquia assume o papel de intermediadora entre Deus e o povo. Assim, tem-se que pensar bem, quando se coloca a responsabilidade em *Adonai* ou aos “homens do povo de Israel” ou quando se comenta a extinção de *Asherah*. Outro detalhe: um dos atributos do Deus *Adonai*, é o de Existir Sozinho, e, dessa maneira, não faria sentido ao Ser Escolhido, Ele Dividir o Seu Reinado com outro deus ou deusa, já que cada um tinha as suas características particulares.

Com a exclusão dos cultos aos deuses em Israel, inicia-se a transferência da maioria de seus atributos a *Adonai*, no caso de *Asherah*, a característica “*materna e criadora*”. Entretanto, há de se admitir que com a implantação do monoteísmo, houve aos poucos a dessacralização e o esquecimento do feminino. E compenetrado nesse propósito o monoteísmo suplantou deuses e deusas, entre elas está *Asherah*.

## Referências

BÍBLIA. Português. Nova Bíblia Pastoral: **A Formação do Antigo Testamento** (p. 9-18, por Luiz José Dietrich). São Paulo: Paulus, 2014.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus 2002. (7º impressão 2011).

CORDEIRO, Ana Luisa Alves. **Onde Estão as Deusas?** Asherah, a Deusa Proibida, nas Linhas e Entrelinhas da Bíblia. São Leopoldo RS: Editora CEBI, 2011.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Lexema**. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/lexema/>> acesso em 20/12/2021 as 05h45min.

FOHRER, Georg. **História da Religião de Israel**. São Paulo: Paulinas, 2º ed., 1993.]

RAMOS, Marivan Soares. **Moisés como Imigrante em Madiã**: Estudo Literário e Histórico-Teológico de Exodo 2,15c-22d. Site: Webcache. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/18271/browse?type=author&order=ASC&rpp=20&value=Ramos%2C+Marivan+Soares>> acesso em 05 de Abril 2021 as 10h30min

RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré**. Primeira parte: Do Batismo no Jordão à Transfiguração. Tradução, José Jacinto F. de Farias, SCJ. São Paulo: Planeta, 2007.

RÖMER, Thomas. **A Origem de Javé**: O Deus de Israel e seu Nome. São Paulo: Paulus, 2016.

SMITH, Mark S. **O memorial de Deus**: História, Memória e a Experiência do Divino no Antigo Israel. São Paulo: Paulus, 2006.

VAZ, Armindo dos Santos. **Este é o Nome para Sempre**: Revelação do Nome de Yahvé (Ex 3,13-15. Site: Webcache. Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:mrC0LL9rQVcJ:https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/8658/1/V03802-051-066.pdf+&cd+15&hl+pt-BR&ct+clnk&gl+br>> acesso em 16 de Maio 2021 as 16h43min.